

A PESCA ARTESANAL EM BAIACU - VERA CRUZ (BA): DAS CONTRADIÇÕES A PRODUÇÃO DO ESPAÇO

TAISE DOS SANTOS ALVES¹
GUIOMAR INEZ GERMANI²

Resumo: O presente estudo objetiva a compreensão e análise do espaço geográfico organizado e produzido pelos(as) pescadores(as) artesanais. Ao se apropriarem da natureza constituem suas espacialidades e territorialidades. Neste caso específico, pretende-se evidenciar o espaço pesqueiro da comunidade do Baiacu situado no município de Vera Cruz (BA), espaço que revela singularidades, graças à sua ocupação e construção histórica que expressa simbolismos, metáforas, ricos em histórias e culturas, dotados de práticas e relações sociais, as quais os(as) pescadores(as), marisqueiras, vendedoras(es), crianças, mulheres, homens, transformam esse espaço num lugar único, de um povo singular, que faz do seu cotidiano simples a complexidade de entender as formas de resistência e manutenção de prática da vida através da atividade pesqueira.

Palavras-chave: Espaço geográfico. Organização. Produção. Pescadores(as) artesanais.

Abstract: This study aims to understand and analyse the geographic space organised and produced by artisanal fishermen. By appropriating nature, they produce space and, as appropriate themselves, they constitute its spatiality and territoriality. In this particular case, we intend to highlight the fishing area of Baiacu community, located in the city of Vera Cruz - Bahia, a space that reveals singularities, thanks to their occupation and historical construct expressing symbolism, metaphors, abundant histories and cultures endowed with practices and social relations which fishermen, shell fishers, sellers, children, women, men make this space a unique place, a singular people, who make their "simple" daily lives the complexity of understanding the forms of resistance and maintenance practice of life by fishing.

Key-words: Geographic space. Organization. Production. Artisanal fishermen

1 – Introdução

A pesca artesanal no Brasil caracteriza-se como uma importante atividade socioeconômica que “marca” e cruza histórias no tempo e no espaço das narrativas de vida dos sujeitos e também está relacionada ao sustento de diferentes grupos. Segundo Kuhn (2009), a pesca artesanal reconquista, a cada momento, o seu protagonismo na produção econômica, pois, atualmente, é responsável pela metade do pescado produzido no Brasil. Além disso, tem influência na manutenção da diversidade cultural atrelada às práticas desenvolvidas pelo pescador, coletor de caranguejos e extrativistas espalhados pelo litoral brasileiro. A exemplo dos caiçaras (Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná), dos açorianos (Santa Catarina), dos

¹ Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia. E-mail de contato: taisealves85@gmail.com

² Docente do programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia. E-mail de contato: guio_ufba@yahoo.com.br

jangadeiros (Nordeste) e das comunidades ribeirinhas (Amazônia) que constituem um patrimônio cultural (DIEGUES; MOREIRA, 2001).

Deste modo, percebe-se que a atividade não está somente associada ao meio/condição de trabalho, a mesma carrega as influências e modos de vida do(a) pescador(a) artesanal. Por sua vez, é preciso reconhecer que os espaços de prática da atividade possuem uma relação singular entre terra e água, que coloca o(a) pescador(a) no ciclo contínuo de transformação, fazendo deste ambiente também instável pelas complexidades ambientais, sociais e econômicas.

É importante destacar que, nas últimas décadas, os espaços de prática da atividade pesqueira são áreas de interesses diversos, seja pela especulação turística, inserção de indústrias ligadas a parques aquícolas ou carcinicultura, e até mesmo política. Tais interesses e práticas impulsionam os conflitos pelo território da pesca artesanal e tendem a gerar a diminuição da atividade, além da tentativa de invisibilizar os sujeitos que vivem da mesma.

Nesse sentido, refletir sobre a pesca no Brasil significa refletir sobre uma atividade que vem, em seu processo histórico, delineando diferentes sociedades (DIEGUES, 1983) que perpassam por suas **identidades** em seus diferenciados modos de vida, as quais também carregam suas **contradições** e, no âmbito da ciência geográfica, designam formas de **produção do espaço**.

Uma pesquisa científica é realizada conforme diferentes “olhares” e métodos de abordagem. No entanto, requer um diálogo contínuo entre teoria e empiria, e, em alguns casos, uma aproximação com os sujeitos analisados. Nesta pesquisa, a articulação entre os conceitos utilizados para a pesquisa de campo foi de suma importância para a elucidação das questões levantadas. Por isso, a metodologia deu-se em etapas, as quais buscou-se trazer a dimensão da totalidade da organização/produção/reprodução do espaço através da atividade pesqueira na comunidade (Figura 1).

Assim, temos a localidade de Baiacu (Figura 2), o recorte empírico e analítico deste estudo. É uma comunidade tradicional pesqueira, remanescente da primeira ocupação portuguesa da Ilha de Itaparica, em 1560. A atividade pesqueira é praticada há cerca de quatro séculos, sendo exercida pelos tupinambás (indígenas), os jesuítas (portugueses) e os africanos. Características que fazem da pesca uma herança

XI – ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE

A DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA BRASILEIRA: ESCALAS E DIMENSÕES DA ANÁLISE E DA AÇÃO
DE 9 A 12 DE OUTUBRO

histórica, pois a população sobrevive, basicamente, dessa atividade, da mariscagem e da agricultura de subsistência. Esse processo revela a articulação da pesca realizada na água e também pelo uso da terra pelos(as) pescadores(as) artesanais da comunidade. O que evidencia a importância da atividade pesqueira no fazer cotidiano dos pescadores(as), além da análise geográfica entorno da atividade pesqueira, pois a partir dos arranjos espaciais que compreende-se como se dá produção espacial e as territorialidades destes sujeitos.

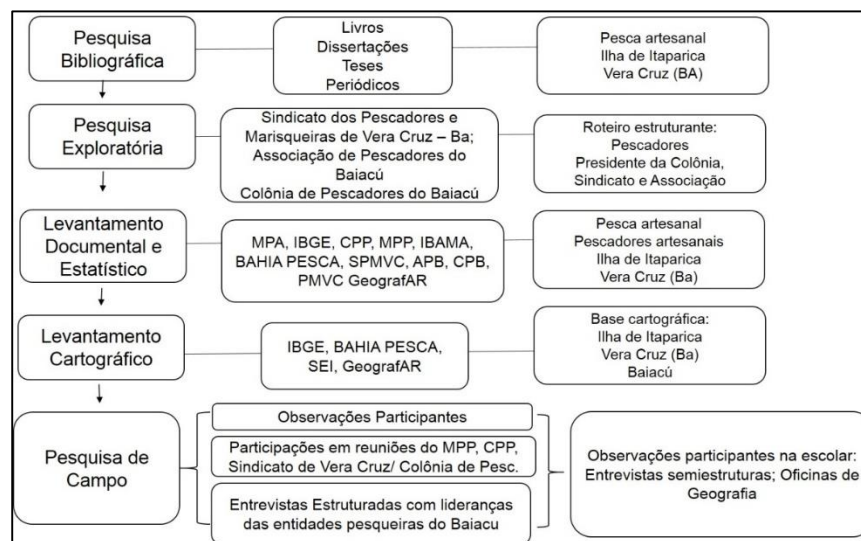


Figura 1 – Procedimentos Metodológicos

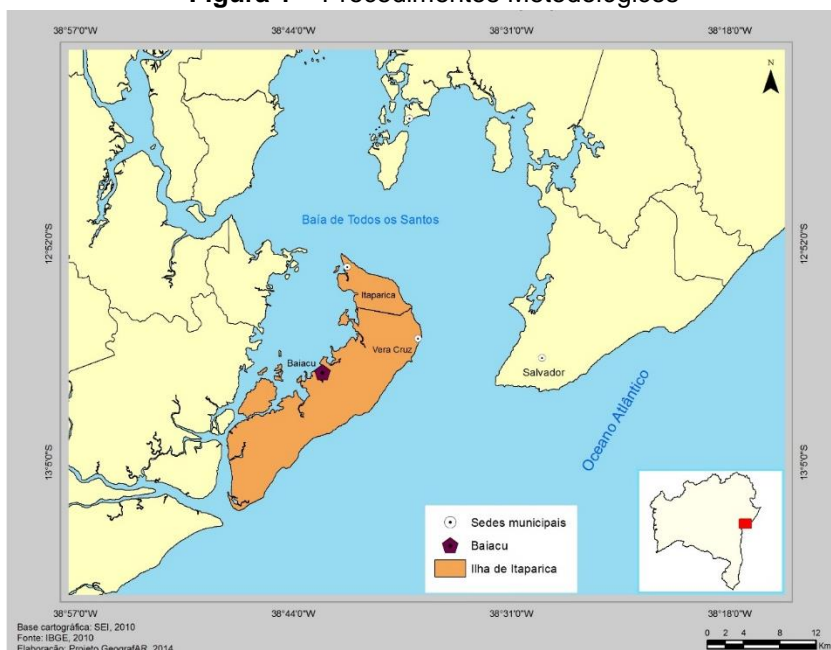


Figura 2 – Localização de Baiaçú – Vera Cruz-Ba

2 - Produção da pesca artesanal em Baiacu (BA)

A produção da pesca artesanal na Comunidade do Baiacu possui algumas especificidades que vão ganhando diferentes formas com o passar dos anos. Nesse contexto, cabe frisar o papel das mulheres, que tornam o cenário da produção pesqueira dotadas de particularidades os quais ganharam diferentes variações no decorrer de sua produção.

A partir das visitas/atividades de campo notamos que há uma transição entre as relações sociais. Estes nos remetem a permear pelas discussões teóricas sobre a pequena produção mercantil proposta nos estudos de Diegues (1983). Para o autor, as formas de organizações dos(as) pescadores(as) artesanais carregam estas especificidades, já que são modalidade de apropriação material e social determinadas pelos recursos existentes nos ecossistemas marinhos, ou seja, os(as) pescadores(as) são sujeitos que determinam tanto sua produção quanto a reprodução social por possuírem os meios para realização do seu trabalho.

O(A) pescador(a) e a marisqueira da comunidade Baiacu são proprietários dos meios de produção, além de determinarem a organização do seu circuito produtivo, por visualizar em campo que a grande maioria possui suas próprias: redes, canoas motorizadas e não motorizadas, manzoá de ferro, linha, baldes, colheres e etc. Outro ponto importante nestas relações é que parte dos pescadores(as) possuem mais de uma embarcação e alugam para outros pescadores(as) da comunidade, existe também uma terceirização dos serviços entre os(as) pescadores(as), as marisqueiras e as vendedoras. Algumas marisqueiras contratam os serviços de outras mulheres (que também são marisqueiras) para o catado de siri, por exemplo. Nessas mediações, percebem-se as relações capitalistas de produção na comunidade, pois estas nuances irão estabelecer diferentes relações que representam ao mesmo tempo uma dualidade e também divergências, pela possibilidade de diferentes formas exploração entre os(as) próprios(as) pescadores(as), já que as posses dos meios de produção determinam hierarquias e ficam com a maior parte da produção.

Neste sentido, a comunidade adentra na lógica da pequena produção mercantil. Concordamos com Kunh (2009) quando destaca que os(as) pescadores(as)

artesanais, ainda que diferenciados neste processo, inserem-se no mercado capitalista no momento da venda do produto obtido (em suas trocas e valores, tanto de *uso* quanto de *troca*), nas trocas de serviços, aluguel de embarcações, dentre outros. Os próprios agentes do capital, em diferentes escalas, se beneficiarão dessa inserção do grupo da pequena produção mercantil da pesca, assim como se beneficiam da inserção do camponês – neste caso o(a) pescador(a).

No momento da chegada da canoa, são determinados os valores do peixe, formas de pagamento, trocas de informações sobre a vendagem entre as vendedoras e os pescadores (Figura 3).



Foto: Taise Alves

Figura 3 – Momento da chegada dos pescadores

O uso dos baldes é uma peça importante nestas mediações, pois cada balde possui 10kg e é com eles que ocorrem a medição do pescado, as próprias vendedoras levam os baldes na cabeça, os colocam com a ajuda dos pescadores e outras vendedoras. Isso ocorre de forma semelhante com a mariscagem, entretanto, para sua (re)venda.

Essas relações são evidentes na chegada dos pescadores ao porto. Ali, eles determinam e negociam os valores do pescado. Não há a circulação em dinheiro “vivo”, os mesmos usam a ‘camaradagem’ e a confiança no outro. Os valores, no

entanto, variam de acordo ao pescado, ou seja, entre R\$5,00 a R\$25,00. O Camarão, por exemplo, é vendido por R\$ 20,00. Este valor é decorrente pela “baixa” captura do camarão nas coroas.

Uma especificidade do resgate histórico da comunidade, a qual na contemporaneidade não se faz presente graças a outras formas de manejo e conservação do pescado, era o processo de “salgar” o peixe. Atualmente, a maioria das mulheres possui, em suas casas, *freezer* para conservação do pescado e marisco, por isso este processo não se faz presente. Entretanto, era uma forma interessante de conservação, feito da seguinte forma,

Chegava no porto pegava o xangó, tirava a barriguinha aí passava sal. Aí no outro dia elas iam com dois pedaços de palito e fazia isso de um a um. Depois tirava o excesso do sal e em consequência as escamazinhas ficavam. Depois pegava aquilo e colocavam no giral para secar. Quando secava pegava e amarrava uma quantidade, 16 de um lado e do outro. Depois passou pra 6 e depois para quatro. Hoje não tem mais o processo do sal, mas sempre foi trabalhando para revender a outra pessoa (Depoimento de uma pescadora da comunidade do Baiacu, em pesquisa de campo, julho de 2014).

Os depoimentos dos pescadores e vendedoras fizeram chegar à seguinte conclusão resumida no Quadro 1, em que destaca-se a evolução das técnicas de produção, diminui o tempo de tratamento e manejo do pescado, assim como a quantidade de mulheres. Por outro lado, nota-se que há uma grande dependência do *freezer* para que o pescado chegue com qualidade até o cliente e a diminuição do tempo de trabalho pode ser um vetor que valoriza a produção.

Quadro 1 – Evolução das técnicas de conservação da produção pesqueira no Baiacu

ITENS	PRÁTICA ANTIGA	PRÁTICA ATUAL
TIPO	Peixe Salgado	Peixe Fresco-congelado
ENERGIA USADA	Sol	Elétrica
MATERIAIS NECESSÁRIOS	Água Faca Giral Palito Sal	Água Faca Freezer Embalagem
TEMPO USADO	3 dias	3 a 4 horas
PESSOAS ENVOLVIDAS	3 a 4 mulheres	1
VALOR	Menor valorização do pescado	Pescado mais valorizado por ser fresco

FONTE: Pesquisa de Campo, 2014

Os(As) pescadores(as), marisqueiras e vendedoras não sabem responder ao certo quando as mulheres assumem o papel do escoamento da produção local, mas destacam que ocorre há anos e desde crianças estão envolvidas, sendo uma herança que também perpassa para suas filhas.

Assim, percebe-se que as transições de tempo-espço são características que os homens carregam para se adaptarem às necessidades impostas pela dinâmica da sociedade, as quais evidencia Santos (2006). Para o mesmo, os eventos mudam as coisas, transformam os objetos, dando-lhes ali mesmo onde estão, novas características.

Por consequência, os eventos ganham força pelas relações entre as escalas, ou seja, Baiacu destaca-se no cenário pesqueiro de Vera Cruz no momento em que seu pescado amplia seu circuito, e, sobretudo, quando as mulheres deixam de ser submissas no sentido de não apenas cuidarem do tratamento e limpeza do pescado para serem protagonistas de dominar as técnicas de produção, não apenas da mariscagem, mas possuem também suas canoas e ao mesmo tempo “governá-las” e por dominarem a vendagem do pescado na comunidade.

Este processo é marcado pelo relato dos pescadores. As mulheres não ficaram responsáveis apenas por mariscar, elas fazem parte de todo o processo da atividade pesqueira, desde o tratamento do pescado após a pescaria; elas são especialistas em catar siri, além de serem (sempre) responsáveis pelo escoamento e circulação do pescado e/ou mariscagem para outros locais da Ilha e municípios,

Cada menina dessa vende em um lugar, eu mesmo, saio para vender dia de sexta-feira, os outros dias “tô” na maré. Levanto bem cedo, pego o primeiro *ferry*, levo o pescado todo tratadinho e vou vender na Ribeira [...] e meus clientes são certos, já vendo a anos lá (Depoimento de uma vendedora da comunidade do Baiacu).

Por isso, evidenciamos a complexidade de entender o papel destas mulheres no Baiacu, pois as mesmas têm funções múltiplas na comunidade. Elas fazem o papel dos chamados “atravessadoras”, são marisqueiras, são pescadoras, fazem o tratamento e manejo do pescado, são especialistas no catado do siri e determinam o circuito e escoamento da produção pesqueira da comunidade. Uma única mulher pode assumir todos estes papéis na comunidade. Assim, cada vendedora possui um ponto de venda em específico, possuindo uma lista de clientes fixos. A grande maioria

XI – ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE

A DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA BRASILEIRA: ESCALAS E DIMENSÕES DA ANÁLISE E DA AÇÃO
DE 9 A 12 DE OUTUBRO

transita em diferentes bairros de Salvador, como Bonfim, Ribeira, São Joaquim, Liberdade além do Mercado do Peixe. Outras ficam em Itaparica, São Francisco do Conde, Lauro de Freitas, Santo Antônio de Jesus, CIA (Simões Filho), Nazaré, São Felipe, Conceição do Almeida e demais locais. Ocorre também a venda em Vera Cruz, mas é um movimento bem específico, pois só ocorre fortemente na época do verão quando a Ilha possui um maior fluxo de turistas. Neste caso, é vendido para bares e restaurantes (Figura, 4).



Figura 4 – Circulação da produção pesqueira – Baiacu–Vera Cruz-BA

Outra dimensão que merece nossas considerações são os diferentes tempos que se cruzam na comunidade, passado/presente e até mesmo o futuro, mediados pelo cotidiano destes sujeitos, revelando as experiências com a natureza e permitindo evidenciar que os pescadores do Baiacu fazem deste espaço seu recurso. Recurso de trabalho, recurso de sentido, de relações, da própria vida, pois é desse espaço que retiram suas rendas, mas não se configura apenas pela lógica capitalista de produção, mas suas sociabilidades. Neste sentido, atribui-se relevância às ideias de Silva (2014), quando retifica,

[...] para o(a) pescador(a) que vive a experiência de vivenciar a natureza, como recurso, o mar como trajeto de seu corpo no espaço (o vento, as marés, a chuva, o sol), a natureza não é recurso segundo a lógica capitalista, não é metáfora, é a tessitura do seu corpo, é sua condição de existência que envolve elementos de imanências – necessidades imediatas de acesso à riqueza, trabalho e renda, mas ao mesmo tempo transcendência, sentido do seu fazer, construído pelas relações culturais – de estar mundo, tecer rede, pescar, de navegar, de saber sobre os perigos do mar (SILVA, p. 23, 2014).

Por isso, destaca-se que somente acompanhando o cotidiano dos(as) pescadores(as) e marisqueiras, é que se percebem os conflitos expostos, não apenas pelos seus relatos, mas observando-os, buscando entender os “jogos” de relações estabelecidas para analisar os elementos que compõem este espaço no cotidiano presente, já que o pescador é ser, é presente, vive e experimenta a modernidade como qualquer pessoa na contemporaneidade (SILVA, 2014). Outra questão que não podemos furtar de evidenciar aqui é que estes(as) pescadores(as) estão inseridos e experimentam a modernidade do capitalismo, pois querem melhores condições de vida e acessos a outras instâncias sociais. Já que estão em contato com o mundo, se relacionando, vivendo outros espaços, as relações de escalas também dimensionam esta relação e os desejos.

3 - Para não concluir...

A comunidade do Baiacu tem dimensão complexa e abrangente no que se refere à produção pesqueira, pois, os(as) pescadores(as) determinam sua organização e produção. Nota-se o papel central das mulheres nestas relações, uma vez que estas dominam o controle do escoamento de produção; criam relações, trocas, mecanismos que estabelecem e determinam o espaço pesqueiro, e constituem-se numa perspectiva terra/água. Essas especificidades garantem uma produção do espaço onde a pesca é elemento importante para a comunidade e justificam a persistência dos(as) pescadores(as) em produzir econômica e socialmente.

Assim, evidencia-se na presente pesquisa que Baiacu é um espaço que expressa simbolismos, histórias e culturas, dotada de práticas e relações sociais as quais os(as) pescadores(as), marisqueiras, vendedoras(es), crianças, mulheres, homens fazem deste espaço um lugar único, de um povo singular, que faz do seu

cotidiano “simples” a complexidade de entender as formas de resistência e manutenção da prática da vida através da pesca artesanal.

4 - Referência

DIEGUES, A. C. **Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar**. São Paulo: Ática, 1983.

DIEGUES, A.; MOREIRA, A. (orgs). **Espaços e Recursos Naturais de Uso Comum**. São Paulo: NAPAUB/USP. 2001.

GOMES, Horieste. **A produção do espaço geográfico no capitalismo**. São Paulo: Contexto, 1990.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace). 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, 1972.

KUHN, Ednizia Ribeiro A. **Terra e água: Territórios dos Pescadores artesanais de São Francisco do Paraguaçu – Bahia**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia. Salvador (Ba), 2009. 173f.

SILVA, Catia Antonia da. Elementos Epistemológicos e metodológicos para uma geografia das existências. In: SILVA, Catia Antonia da (Org.). **Pesca artesanal e produção do espaço: desafios para a reflexão geográfica**. Rio de Janeiro: Consequência, 2014. p. 13-26.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

RIOS, Kássia Aguiar Norberto. **Da produção do espaço a construção dos territórios pesqueiros: pescadores artesanais e carcinicultores no distrito de Acupe – Santo Amaro (BA)**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, 2012. 263f.